

RELATÓRIO DE VIAGEM

- Área Indígena - **LAGO AIAPUÁ**
Grupo Tribal - Mura
Localização - Baixo rio Purus, pela margem esquerda. O Lago Aiapuá possui três grandes tributários: Igarapé Salsa, Furo do Geraldo e outro, sem denominação.
População - No Lago Aiapuá, nas Ilhas Jamarí-Jurará, moram 127 índios. Na do Bacuri 21 índios.
Não conservam a língua nativa

Histórico: "Na área banhada pela rede hidrográfica do Lago Aiapuá e seus tributários habitou no passado milhares de indígenas pertencentes a etnia Mura, a qual por ocasião da colonização do baixo e médio rio Purus, ofereceu forte resistência aos colonizadores; eram aguerridos e enfrentaram forças governamentais na foz do Paraná do Salsa, onde estaquearam o rio, mantendo a integridade da área até a ocorrência de um surto de Bexiga (varíola), que praticamente os exterminou; os poucos sobreviventes aceitaram então a pacificação e a colonização da área se consumou. Os vestígios do estaqueamento feito na Foz do Salsa, como também a existência de cemitérios e locais de antigas malocas, podem ser encontrados facilmente na Ilha do Jamarí, Ilha Surara, Foz do Igarapé Maués, Lugar Cuapaúba, é inúmeros locais da costa do Lago Aiapuá, o que caracteriza o direito dos atuais remanescentes Mura à Terra." (dados, extraídos do Relatório do Sertanista Sebastião Amâncio - ref. à CS nº 055/1ª DR de 04.03.82.).

Existe, na Ilha de Jamarí, um cemitério antigo. Segundo dados levantados pela Irmã Kristina Nuskoski, que presta assistência aos índios, existe realmente um tabique feito pelos antigos, para barrar e atacar as embarcações que vinham com objetivos não

amistosos. No momento está coberto pelas águas devido às alagações.

O Lago Aiapuá é muito farto de peixes e, no verão, de patos selvagens. Ele é utilizado por caçadores e pescadores, de predadores que vêm no verão, segundo os nativos e a Irmão Kristina, e fazem verdadeiros tiroteios na região, pouco se importando com os índios que moram por ali. Segundo os silvícolas são turistas que vem até de São Paulo só para caçar, e muitos trazidos por Orestes Faria de Melo.

Sendo informações dadas pelos índios, no verão de 1981, em dois dias os caçadores mataram 300 patos selvagens e feriram outros tantos. Para os índios eles matam somente pelo prazer de matar. Os índios além de prejudicados, pois pescam no lago, assistem calados a amedrontados a essa monstruosidade.

Os índios são todos parentes, é uma família extensa, que vive espalhada pelas Ilhas Jamarí-Surara e Bacurí.

Já estão num nível de aculturação adiantado, pois há muitos anos dependem totalmente dos brancos, **sobretudo da família Melo que há 60 anos os subjuga como escravos.**

Apesar da região ser muito rica em caça e pesca: Lagos do Aiapuá, Jamarí Grande e Jamarizinho e a terra ser muito boa para a agricultura e ter vários castanhais os índios nada tem. Vivem em completa miséria.

Isso ocorre porque Orestes Melo, dono do flutuante que monopoliza o comércio local de castanha e mantimentos se diz dono de todas aquelas terras e obriga os índios a venderem a ele a castanha que retiram de sua área pelo preço de 400, o paneiro, enquanto o preço de mercado é 1.700/1.800,00. Orestes fornece aos índios mantimentos a preços exorbitantes.

Melo proíbe os índios de plantarem dentro da própria área indígena, para obrigá-los à dependência dos mantimentos que vende.

Os índios encontram-se desesperados por que não tem a quem recorrer, uma vez que Orestes Faria de Melo conta com a conivência do Delegado de Polícia Ibraim Gadelha, que inclusive vai até as casas dos silvícolas para ameaçar e prender os que se recusam a vender a castanha para o Melo. Isso ocorreu esse ano (1982), no primeiro trimestre com o índio Francisco Marcos Pereira.

Melo também contratou durante um tempo uma família de

não índios, que está dentro da área dos índios para vigiar os índios e impedirem que eles fizessem roças.

O índio Raimundo Nonato Silva plantou bananas e mandioca e então os Nasicmentos foram até o roçado do índio e o destruiu.

Segundo dos índios, os irmãos Nascimento são perversos e vivem ameaçando-os. Os índios os temem.

A coação que Melo impõe sobre os Mura os deixam em difícil dilema, pois não podem plantar em suas próprias terras, ficam cada vez mais pobres e dependentes do explorador.

Este tipo de relação de dependência, Mura X Família Melo, já tem mais de 60 anos. Os índios subjulgados estão na sua 3ª geração. Isto criou, entre os índios, um discenso quanto aos interesses do grupo, pois ao invés de se unirem e buscarem a reação contra o opressor, o grupo se dividiu e hoje a desunião é marcante, pois não há um líder entre eles que possa despertá-los para sua verdadeira realidade. Forçosamente aceitam as regras impostas pelo Melo, que são totalmente desonestas e ferem a legislação indígena em muitos de seus artigos.

Segundo os índios mais velhos, toda a parte da Ilha chamada Maués era habitada pelos Mura. Havia vários aldeamentos ali, mas o Patrão, à época, avô do Atual Orestes Faria Melo, começou a maltratar demais os índios, então eles foram abandonando a área. Hoje estão inclusive nos Solimões, numa região Catalão, acima de Anuiri, do lado esquerdo. O Patrão era o velho Manuel Nicolau de Melo.

Os índios sentem-se impotentes ante tantas opressões e a desunião enfraquece mais ainda o grupo, aumentando a fragmentação da unidade grupal, haja vista a acentuada migração de Mura para outras áreas.

A FUNAI, deve implantar imediatamente, na área, um posto indígena, com um Chefe capaz de fazer valer os direitos dos índios e acabar de vez com essa situação, que nada mais é do que escravidão.

Isso porque, vai chegar o momento em que a situação ficará insustentável e o conflito será inevitável, pois os índios estão revoltados.

A área proposta é de direito imemorial indígena e é



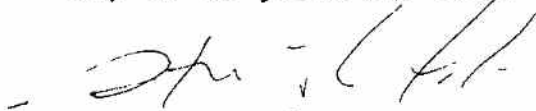
por eles ocupada com suas atividades, tão coibidas.

A FUNAI deve demarcar a área do Lago Aiapuá o quanto antes, para dar aos índios a garantia sobre a posse de seu território, e em seguida implantar projetos econômicos capazes de congrega a força de trabalho indígena em prol do grupo todo.

A melhor época para a demarcação será no segundo semestre de 1982, quando as condições climáticas deverão ser favoráveis.

Deverá construir também uma escola, na área, pois existem muitas crianças em idade escolar.

Em, 01 de julho de 1982



ANTONIO FLÁVIO TESTA
Antropólogo "A"

AFT/sloh